



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS (CCHA)
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES (DLH)
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

NATAN SEVERO DE SOUSA

O PATRULHAMENTO IDEOLÓGICO EM GILEAD: UMA ANÁLISE DE *O CONTO DA AIA* DE MARGARET ATWOOD

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2022**

NATAN SEVERO DE SOUSA

**O PATRULHAMENTO IDEOLÓGICO EM GILEAD: UMA ANÁLISE DE O CONTO
DA AIA DE MARGARET ATWOOD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes.

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725p Sousa, Natan Severo de.

O patrulhamento ideológico em Gilead [manuscrito] : uma análise de O conto da Aia de Margaret Atwood / Natan Severo de Sousa. - 2022.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias , 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes ,

Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Ideologia. 2. Patrulhamento. 3. Aparelhos ideológicos. I.

Título

21. ed. CDD 801.95

NATAN SEVERO DE SOUSA

O PATRULHAMENTO IDEOLÓGICO EM GILEAD: UMA ANÁLISE DE O CONTO
DA AIA DE MARGARET ATWOOD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovado em: 18 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes (Orientadora)
(UEPB/Campus IV)



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo (Examinador)
(UEPB/Campus IV)



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima (Examinador)
(UEPB/Campus IV)

Dedico especialmente à minha vó materna, Maria José Carvalho Severo (Léia), e à minha mãe, Márcia Diana Carvalho Severo, principais responsáveis pela minha formação enquanto indivíduo, assim como a cada um(a) que tem contribuído de alguma forma ao longo de minha trajetória pessoal e acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Em especial, expresso minha gratidão ao Criador do universo, que tem me dado vida e me permitido chegar a este tempo, apesar dos desafios ao longo do caminho. A cada familiar, amigo(a) sincero, colega de classe, professor(a) e demais pessoas que me deram suporte quando necessário. Obrigado!

“A arte é um dos meios de que se vale o homem para conhecer a realidade”

Domício Proença Filho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 IDEOLOGIA: CONCEPÇÕES E APARELHOS IDEOLÓGICOS	10
2.1 Ideologia como ocultamento da realidade social	10
2.2 Aparelhos ideológicos e instrumentos de poder	13
3 O CONTO DA AIA: UM ROMANCE DISTÓPICO SOBRE PATRULHAMENTO IDEOLÓGICO E OPRESSÃO SOCIAL	16
3.1 Surgimento e dinâmica da sociedade de Gilead	18
3.2 Estruturas de poder, silenciamento e patrulha ideológica em Gilead .	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
5 REFERÊNCIAS	29

O PATRULHAMENTO IDEOLÓGICO EM GILEAD: UMA ANÁLISE DE *O CONTO DA AIA* DE MARGARET ATWOOD

Natan Severo de Sousa

RESUMO

Uma observação geral das problemáticas e tensões que cercam o mundo pós-moderno há de constatar que, por vezes e em determinados lugares, ditaduras e governos totalitários ascendem ao poder através do controle social, sendo a ideologia um instrumento de opressão e ocultamento da realidade nesses processos. Partindo disso, o presente trabalho analisa as práticas de patrulhamento social através da ideologia na obra *O conto da Aia* (*The Handmaid's Tale*) de Margaret Atwood, uma distopia na qual essas temáticas são representadas de forma abundante. Para isso, objetivou-se sobretudo conceituar ideologia e aparelhos ideológicos, assim como situar a referida obra em seu contexto e explorar as estruturas de poder enredadas nela, atentando para as nuances que envolvem o patrulhamento ideológico. O trabalho utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, norteando-se em teóricos como Althusser (1996), Chauí (1985), Lyra (1979), dentre outros. As análises feitas puderam enfatizar que o silenciamento e a patrulha ideológica estabelecidos pelos detentores do poder na chamada “República de Gilead” legitimavam as condições de opressão dessa sociedade, perpetuando-as. Considerou-se que a reflexão sobre essas temáticas se torna bastante relevante em tempos tão instáveis no mundo contemporâneo, à medida que estimula o leitor a reconhecer a linha tênue entre a liberdade individual e o controle social.

Palavras-chave: Ideologia; Patrulhamento; Aparelhos ideológicos.

ABSTRACT

A general observation of the problems and tensions that surround the postmodern world will show that, sometimes and in certain places, dictatorships and totalitarian governments ascend to power through social control, with ideology being an instrument of oppression and concealment of reality in these process. Based on this, the present work directs a critical look at social patrolling practices through ideology in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*, a dystopia in which these themes are abundantly represented. For this, the objective was mainly to conceptualize ideology and ideological apparatus, as well as to situate the aforementioned work in its context and analyze the structures of power entangled in it, paying attention to the nuances that involve ideological patrolling. The work used bibliographic research as a methodology, guided by theorists such as Althusser (1996), Chauí (1985), Lyra (1979), among others. The analyzes were able to emphasize that the silencing and ideological patrol established by the holders of power in the so-called “Republic of Gilead” legitimized the conditions of oppression in this society, perpetuating them. It was considered that the reflection on these themes becamed quite relevant in such unstable times in the contemporary world, as it encourages the reader to recognize the fine line that involves individuality and social control.

Key words: Ideology; Patrolling; Ideological apparatus.

1 INTRODUÇÃO

O eixo central do presente trabalho tem base na necessidade de direcionar o olhar às práticas de patrulhamento social através da ideologia, que pode ser entendida como uma imposição de condutas sutilmente impostas pelos que exercem postos de controle e domínio sobre seus subordinados. A partir disso, a pesquisa busca fazer uma relação entre esses conceitos e a obra *O conto da Aia* (*The Handmaid's Tale*), de Margaret Atwood, na qual o tema é representado de forma recorrente.

Considerando-se as temáticas abordadas na narrativa distópica da obra e partindo-se para uma observação cotidiana geral das realidades que cercam o contexto social mundial, pode-se afirmar que, por vezes e em determinados lugares, ditaduras e governos totalitários e opressores ascendem ao poder, utilizando-se de uma ideologia de dominação que subverte suas oposições, seja de forma direta – através de métodos de tortura ou violência física, por exemplo – ou indireta – através de perseguição política e midiática; além de outras instituições públicas e privadas assessoriais do Estado como a Igreja (ou as diferentes seitas e grupos religiosos), as quais impõem seus métodos de dominação e patrulhamento ideológico e social sobre os indivíduos que as integram. A proposta deste trabalho é analisar justamente as nuances que envolvem alguns desses processos, mais especificamente no que se refere ao patrulhamento ideológico aludido em *O conto da Aia*.

Nesse sentido, o trabalho objetiva conceituar ideologia e aparelhos ideológicos, situar a obra em seu contexto e analisar as estruturas de poder que estão enredadas nela, sobretudo no que se refere ao patrulhamento ideológico. Pensar sobre essas temáticas a partir do romance distópico de Margaret Atwood é de grande relevância, especialmente em tempos instáveis contemporâneos, cheios de contradições e inadequação do real, nos quais se percebe notoriamente a representação da condição humana na literatura, sendo nós mesmos atores sociais em meio a essa distopia, o que ratifica ainda mais a atemporalidade do texto literário.

Assim sendo, utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, sobretudo a partir de teóricos da ideologia, e divide-se em dois principais blocos: No primeiro, buscando fazer um apanhado teórico sobre algumas concepções de ideologia e sobre os aparelhos ideológicos. No segundo, partindo para a análise propriamente dita da obra, contextualizando-a e identificando as narrativas de patrulhamento ideológico nela contidas.

2 IDEOLOGIA: CONCEPÇÕES E APARELHOS IDEOLÓGICOS

2.1 Ideologia como ocultamento da realidade social

Diversos pensadores, dentre eles Tracy, Marx, Engels, Gramsci, discutiram sobre concepções de ideologia, como se originam e como são utilizadas com o intuito de explicar a realidade sensível, em que todos convivemos. A primeira referência ao termo “ideologia” é de Destutt de Tracy em *Eléments d’Idéologie* (“Elementos de Ideologia”), 1801-1815, que a conceituou como uma nova “ciência das ideias”. Segundo Carvalho (2018), “[...] o filósofo cunhou um termo para nomear a tal ‘ciência das ideias’ que ele vinha investigando. A palavra era um neologismo composto pelos termos gregos *eidos* e *logos*: *ideologia*, significando algo como ‘estudo das ideias’.”¹

Frequentemente, as ideologias são tomadas como explicações, sistematizações ou doutrinas que supostamente devem moldar, orientar e conduzir o comportamento humano, bem como seu pensamento e sua visão de mundo a partir do que se apresentam como verdades dentro de uma realidade na qual o sujeito esteja inserido. No entanto, a partir de uma ótica marxista, existe uma duplicidade imbrincada no conceito de ideologia. Almeida (2016, p. 75), afirma que “Nas formulações elaboradas por Marx e Engels, [...] já está presente a dupla significação do conceito de ideologia, que se remete à ocultação da realidade e à reprodução das relações de dominação de classe.”

Corroborando a essa dupla significação, Lyra (1979, p. 39-42), apresenta duas concepções contrapostas para a ideologia – “consciência” e “deformação” – e explica que o termo pode ser entendido de ambas as formas, ainda que opostas. Para isso, o referido autor aponta Marx como sendo o precursor do sentido totalizante que apresenta a ideologia como “superestrutura ou consciência social de uma época”; por outro lado, demonstra que foi o próprio Marx quem a denunciou como “[...] *falsa consciência*, como máscara, como um conjunto de preceitos teóricos pseudocientíficos não a conscientizar a verdade histórica, mas a contorná-la por adversa, a fim de justificar privilégios materiais.” (LYRA, 1979, p. 40). Assim sendo, o

¹ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Antoine Destutt de Tracy: o “pai” do termo ideologia (artigo). In: **Café História** – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-pai-do-termo-ideologia/>. Publicado em: 5 mar. 2018. Acesso: 26 jan. 2022.

autor absorve ambas as concepções marxistas, classificando-as em positiva e negativa. Nas palavras dele:

No primeiro caso, temos a ideologia como algo positivo e necessário – um conjunto de idéias [sic] que orientam o comportamento do homem em seu percurso histórico; no segundo, temos algo negativo e pernicioso – um conjunto de princípios artificializados, destinados à justificação de privilégios mantidos sob opressão. (LYRA, 1979, p. 41)

Desse modo, se faz necessário entender que ambas as concepções são plenamente legítimas, a depender da perspectiva e do objetivo em que sejam utilizadas: se como uma consciência cultural da realidade histórico-social ou como uma máscara que a encobre, com o objetivo de favorecer a interesses escusos de um determinado grupo ou classe social. A ideologia, nesse sentido, tem uma relação intrínseca com a realidade, apesar de não se fundir necessariamente a ela. Chauí (1985, p. 10-11) afirma, a partir de uma perspectiva aristotélica, que é a realidade quem oferece à ideologia a oportunidade de explicar os fenômenos vivenciados:

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as idéias [sic] como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais idéias [sic] expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as idéias [sic] elaboradas. (CHAUI, 1985, p. 10-11)

A ideologia, vista dessa forma, tenta separar a realidade histórico-social da realidade real observável, e isso através do campo das ideias, que uma vez infiltradas nos indivíduos, podem fazer com que a realidade que se quer estabelecer (através da distorção de um fato histórico, por exemplo), possa assim ser aceita como a versão oficial – portanto “real” – para aqueles que a absorvem. Assim, em um contexto histórico-social, a ideologia serve para mascarar ou encobrir a realidade – retomando a concepção marxista (negativa) do termo – como aponta Chauí (1985, p. 21):

Essas idéias [sic] ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia. (CHAUI, 1985, p. 21)

Entendendo a ideologia como ocultamento da realidade social, fica notória sua importância enquanto instrumento de controle e de poder nas mãos daqueles que

ocupam postos de dominação numa sociedade, ou seja, em termos marxistas, a “classe dominante”. Lyra (1979, p. 42-43) afirma que em toda sociedade coexistem duas ideologias: “[...] a da classe dominante, que visa à conservação da ordem existente para a preservação de seus privilégios; e a da classe dominada, que visa à superação dessa ordem para a implantação de uma ordem nova.”. Desse modo, a classe dominante utiliza-se da ideologia como forma de se perpetuar no poder ao conduzir a classe dominada através de um conjunto de ideias e valores que lhes oriente e interfira na forma como os sujeitos que a integram enxerguem a si mesmos e à realidade que os cerca, dentro da qual se inserem. Assim, se estabelece a dominação através da ideologia, fazendo com que pareça justa. Acerca dessa relação entre ideologia e luta de classes, a mesma autora, aludindo à perspectiva de Marx e Engels, afirma:

[...] é impossível compreender a origem e a função da ideologia sem compreender a luta de classes, pois a ideologia é um dos instrumentos da dominação de classe e uma das formas da luta de classes. A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados. (CHAUI, 1985, p. 86)

Nesse sentido, o papel da ideologia como instrumento de ocultamento da realidade e de dominação serviria para encobrir à classe dominada a sua própria dominação, fazendo com que esta não se reconheça como tal, mas, contrariamente, aceite a condição de dominação, corrobore com ela, não se aperceba dessa mesma condição e continue legitimando aos que detém o poder, já que sua visão da realidade está distorcida pela ideologia dominante, uma vez que:

[...] o papel específico da ideologia como instrumento da luta de classes é impedir que a dominação e a exploração sejam percebidas em sua realidade concreta. Para tanto, é função da ideologia dissimular e ocultar a existência das divisões sociais como divisões de classes [...] (CHAUI, 1985, p. 103)

Assim sendo, a ideologia dissimula e oculta até mesmo a própria divisão de classes como forma de ocultar a exploração da classe dominada pelos dominantes, justificando essa exploração através das ideias ou discursos propagados. O linguista Fiorin (1988, p. 29), ao analisar a relação entre ideologia e discurso, conceitua a ideologia como sendo um “[...] conjunto de ideias, a essas representações que servem

para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens [...]”, destacando que a ideologia é “[...]uma ‘visão de mundo’, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social.” (FIORIN, 1988, p. 29).

O linguista brasileiro apresenta a ideologia como a inversão da realidade, sendo constituída pela realidade e também constituinte, isto é, formadora, dela. Apesar de que, a partir de uma perspectiva histórica, existem certas manifestações de ideologias que são, de maneira oposta, a consciência invertida da realidade, uma forma de apresentar o outro lado escondido da mesma.

Nesse sentido, Kothe (1976, p. 109), comentando Walter Benjamim, corrobora ao dizer que: “Ideologia é um termo que não guarda apenas o sentido de ‘falsa consciência’. Para Benjamim, a ideologia também podia ter um sentido positivo, enquanto arma a ser utilizada na batalha cultural, como parte da luta de classes”. (KOTHE, 1976, p. 109).

Contudo, apesar desse viés positivo e oponente da ideologia, é importante frisar que a ideologia dominante sempre será aquela sustentada pela classe dominante, e “Enquanto ideologia dominante, a ideologia consiste em relações de poder absolutamente essenciais numa formação, podendo mesmo deter o papel dominante”. (POULANTZAS, 1978, p. 322). Portanto, esta mesma fará o possível para manter sua hegemonia e continuidade no poder.

2.2 Aparelhos ideológicos e instrumentos de poder

Uma vez entendendo o papel da ideologia como ocultamento da realidade social, sendo um instrumento de poder na luta de classes, a partir de uma perspectiva marxista, faz-se necessário entender que o conjunto de normas de conduta estabelecidas pelas instituições sociais como a Igreja, a Escola, o Exército e outras, promovem a ordem da ideologia dominante, já que exercem funções de poder e domínio. Sobre o agrupamento e a instrumentalização dessas instituições, alguns filósofos desenvolveram o conceito de “Aparelhos Ideológicos”.

Almeida (2016, p. 82), comentando Poulantzas, afirma que “Gramsci foi o primeiro marxista a considerar – não apenas ocasionalmente – ideologia como algo além de um conjunto de ideias ou crenças ou um ‘sistema conceitual’.” Uma vez que

Poulantzas (1978, p. 320), afirma categoricamente que “[...] não pode haver dúvidas de que Gramsci explicitou a teoria dos aparelhos ideológicos como aparelho de Estado”. Apesar disso, outro filósofo que desenvolveu e que se destaca ao conceituar o que denomina de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) foi Althusser, filósofo do marxismo estrutural. Almeida (2016, p. 86) afirma que a “abordagem althusseriana” “[...] possibilita um mapeamento das estruturas do modo de produção cujo interior se constitui de aparelhos e forças sociais concretos, em relação aos quais se pode recorrer [...] à problemática das ideologias”.

Althusser (1996, p. 108) argumenta que as instituições de Estado exercem uma função ideológica no sentido de inculcar as regras que cada classe deve seguir na sociedade, assim como para habituar cada uma delas a respeitar a divisão e a condição pré-estabelecida por ordem dos dominantes – aqueles que controlam através do poder. Nesse sentido, é relevante fazer referência ao que o autor esclarece sobre o papel das instituições na promoção da ideologia dominante:

[...] a escola (além de outras instituições de Estado, como a Igreja, ou outros aparelhos, como o Exército) ensina a ‘habilidade’, mas sob formas que assegurem a *sujeição à ideologia dominante* ou o domínio de sua ‘prática’. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, para não falar dos ‘profissionais da ideologia’ (Marx), devem, de um modo ou de outro, estar ‘impregnados’ dessa ideologia, a fim de cumprir ‘conscientiosamente’ suas tarefas [...] (ALTHUSSER, 1996, p. 108)

Althusser estabelece uma relação entre a “reprodução da força de trabalho” perpassada através da ideologia dominante, tendo como objetos: 1) os “agentes de produção” (os operários), os quais exercem apenas uma função de submissão na sociedade; e 2) os “agentes de exploração e repressão”, que exercem uma função de qualificação, objetivando assim assegurar a dominação, uma vez que “[...] é nas formas e sob as formas da sujeição ideológica que se assegura a reprodução da qualificação da força de trabalho” (ALTHUSSER, 1996, p. 109). Assim sendo, a ideologia, perpassada através dos Aparelhos Ideológicos de Estado, tem o objetivo de sujeitar os agentes de produção (dominados).

É importante destacar que, no âmbito dos Aparelhos Ideológicos, o autor francês faz uma subdivisão à teoria marxista do Estado, na qual diferencia os Aparelhos de Estado (AE) (aos quais também denomina de Aparelhos Repressivos de Estado) dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), e explica: “[...] o Aparelho

Repressivo de Estado funciona ‘pela violência’, ao passo que os Aparelhos Ideológicos de Estado *funcionam ‘pela ideologia’*. ” (ALTHUSSER, 1996, p. 115). Desse modo, pode-se afirmar que o primeiro promove o controle através da repressão por meio da violência, seja ela física ou não, e o segundo promove o controle através da ideologia, o que de certa forma abrange os meios ligados à superestrutura social.

Os Aparelhos Ideológicos, portanto, seriam os mecanismos sociais utilizados pela classe dominante para promover sua ideologia nas classes dominadas, de modo a fazer com que elas tenham como normal, costumeiro e correto esse modelo, sem procurar confrontá-lo, mas pelo contrário, se acomodar à ideologia proposta pelos Aparelhos Ideológicos de Estado, que, como lista Althusser (1996, p. 114-115), compreendem as Igrejas, as Escolas Públicas e Privadas, a Família, o Sistema Jurídico, o Sistema Político e os Partidos, os Sindicatos, os Sistemas de Informação como a imprensa e as mídias e a cultura (literatura, artes, etc.).

Através dessa instrumentalização dos Aparelhos Ideológicos de Estado, a classe dominante pode então estabelecer-se no poder e garantir sua continuidade a partir de uma relação de alienação. Beauvoir (1972, p. 83), apresenta a estratégia utilizada pelos detentores do poder:

Toda a astúcia consiste em fazer do privilégio a manifestação de um valor cuja presença conferiria precisamente ao privilegiado o direito ao privilégio: é-lhe necessário ter um poder econômico para defender o bem que se encarna nele, e cujo sinal é justamente esse poder. (BEAUVOIR, 1972, p. 83)

A estratégia, nesse sentido, é justificar o direito do privilegiado – a classe dominante – pela própria existência do privilégio, pelo poder que detém. Uma vez sendo desconsiderada a realidade dos processos históricos que culminaram no estabelecimento de ambas as classes como dominantes e dominadas, a classe dominante dissimula e justifica suas próprias ações, sem que seja percebida e muito menos questionada. E cabe justamente aos Aparelhos Ideológicos de Estado exercer esse papel de instrumentalização, alienação e sujeição através da ideologia.

3 O CONTO DA AIA: UM ROMANCE DISTÓPICO SOBRE PATRULHAMENTO IDEOLÓGICO E OPRESSÃO SOCIAL

O *conto da Aia* é um romance de 1985, escrito por Margaret Eleanor Atwood, canadense nascida em 1939, de reconhecimento internacional devido aos importantes prêmios literários que já recebeu por suas obras – nas quais a temática do patriarcalismo sujeitando figuras femininas é bem frequente – que vão desde o romance, a poesia, contos, ensaios até a crítica literária. Seu amplo reconhecimento conta com os prêmios Arthur C. Clarke Award (1987), Prémio Man Booker (2000), Prémio Princesa das Astúrias (2008), Prémio PEN Pinter (2016) e Medalha Lorne Pierce (2018), tendo iniciado a escrever poemas e artigos em 1957, no jornal literário interno da faculdade, vinte e oito anos antes de lançar sua *Magnum opus* (obra-prima), a qual é objeto de análise deste trabalho: *The Handmaid's Tale*, que apesar de ter recebido a tradução em português de *A História de Uma Serva* em Portugal, no Brasil recebeu a tradução de *O conto da Aia*.

O sucesso e a repercussão de *O conto da Aia*, devido ao seu forte teor político e abordagem das temáticas que envolvem a opressão feminina e os instrumentos de poder do Estado, rendeu-lhe milhões de cópias vendidas em todo o mundo, e, mesmo tendo sido lançado em 1985, até o momento continua a ser publicado. Inspirados nele também surgiram adaptações: Para um filme, *Die Geschichte der Dienerin*, de 1990 (No Brasil, este tem o título de *A Decadência de uma Espécie*), uma ficção científica estadunidense-alemã dirigida por Volker Schlöndorff; uma ópera, em 2000, dirigida pelo compositor dinamarquês Poul Ruders; uma série de TV/streaming estadunidense de mesmo título, dirigida por Bruce Miller, pela Hulu, em 2017, que rendeu prêmios no *Television Critics Association* e oito *Prêmios Emmy do Primetime*, inclusive de melhor série dramática, em 2017; um romance gráfico, em 2019, *The Handmaid's Tale (Graphic Novel): A Novel*, pelo ilustrador Renée Nault, entre outras divulgações midiáticas.

O livro é classificado como um romance distópico. O conceito de “distopia”, etimologicamente evoca uma ideia de algo que está “fora do lugar”, diferentemente de “utopia”, que tem mais a ver com um “não lugar”, um lugar idealizado, paradisíaco, que não existe na realidade palpável. Enquanto a utopia transmite uma ideia de um ambiente imaginário, perfeito e com situações irrealizáveis no mundo real, a distopia

abrange um ambiente com situações possíveis, apesar de hipotéticas, e com características peculiares de opressão e controle social.

Conforme as explicações de Silva (2019)², a distopia não necessariamente se constitui como um gênero na literatura, mas como um universo do qual fazem parte uma gama de gêneros e narrativas, normalmente associada à ficção científica. Algumas das principais características comuns nas obras distópicas são: a crítica ou sátira social que estimulam, de maneira bastante reflexiva, de modo que o leitor repense o seu mundo presente e possa projetar supostas realidades futuras; a temática dos avanços tecnológicos aliada a narrativas de autoritarismo do governo, que pode partir de grupo ou mesmo de um indivíduo que detenha os meios de tecnologia para vigiar e punir; a perda da individualidade e do livre arbítrio como resultado do controle social; a estabilidade e a imobilidade social, de forma que as massas não causem revoluções e que esses regimes se perpetuem no poder; além disso, conceitos de amor e família tendem a ser suprimidos nas obras distópicas. Algumas das principais obras literárias distópicas incluem *A máquina do tempo* (1895) de H.G. Wells; *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley; *A revolução dos bichos* (1945) e *1984* (1949), ambas de George Orwell; *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury; *A caverna* (2000), de José Saramago, entre outras, muitas das quais adaptadas para filmes e séries de TV/streaming. (SILVA, 2019).

O enredo da obra objeto de estudo se passa em um futuro próximo e aborda uma sociedade altamente opressora e que se rege pelos parâmetros religiosos estabelecidos pelo Estado, uma forma de teocracia: a “República de Gilead”, que se instala em boa parte do território do que antes haviam sido os Estados Unidos da América, sendo este suplantado pelo novo regime que surgiu ali, dominou os órgãos de poder e instaurou suas novas diretrizes, que por sinal, eram bem fundamentalistas, carregadas de um sentimento de resgate de valores morais e religiosos, patriarcais e retrógrados. Nessa sociedade teocrática de Gilead, os detentores do poder estavam a todo momento exercendo um patrulhamento nos indivíduos, implantando suas ideologias de diversas formas, inclusive por meio de violência física, tudo isso como forma de garantir que a ordem estaria estabelecida e as pessoas estariam agindo conforme a religião e as normas do Estado.

² SILVA, Ana Paula Rodrigues da. **O que é distopia?** Youtube, 01 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qt2lmXOYG6o> . Acesso em 27 fev. 2022.

A obra representa de maneira distópica a vida, especialmente do ponto de vista de mulheres adultas, em uma sociedade totalitária futurista pós-apocalíptica. Em decorrência da maneira característica como a obra é constituída (os capítulos são entrecortados com flashbacks de períodos anteriores, ficando a descrição dos eventos que levaram à instituição do governo opressor esparsa em diversos momentos da narração), as informações são fragmentadas, precisando da intervenção do leitor para unir as seções e preencher as lacunas que ficam em aberto.

3.1 Surgimento e dinâmica da sociedade de Gilead

Tendo como norte sobretudo os apontamentos feitos por Castro (2019)³ a respeito do funcionamento da sociedade de Gilead em *O conto da Aia* (apesar de a apresentadora priorizar a análise da série ao livro) faz-se necessário afirmar que a principal fonte utilizada para a compreensão do surgimento e da dinâmica da República de Gilead é um epílogo disposto no final da obra denominado “Notas históricas sobre o conto da Aia” (ATWOOD, 2017, p. 351-366) que é apresentado como sendo uma transcrição de atas apresentadas em um simpósio fictício, dados colhidos por estudiosos num tempo futurístico após o regime de Gilead. Nesse evento em questão, as experiências narradas por Offred (protagonista da história) em várias fitas de áudio (ATWOOD, 2017, p. 354) são discutidas por estudiosos que explicam seu contexto sociopolítico durante o regime opressor. Nele, Gilead é dividida em alguns períodos históricos – o Período Médio, por exemplo, (ATWOOD, 2017, p. 357), tendo o foco no período pré-Gilead e no surgimento, época vivenciada pela protagonista.

Como já mencionado, a República de Gilead ocupa a área do que teria sido antes os Estados Unidos da América, mediante tensões que provocaram sua queda. Uma delas teria sido a alta queda das taxas de natalidade, de modo que poucas crianças eram geradas, e, mesmo essas, às vezes não sobreviviam aos primeiros dias, devido a fatores diversos. Estava havendo uma alta polarização, ligada a um conservadorismo exacerbado, que punha a questão dos papéis de gênero muito à tona, segundo o qual, por exemplo, o papel da mulher deveria ser o de cuidar da casa e dos filhos, apenas.

³ CASTRO, Míriam. **Como surgiu Gilead, a sociedade de The Handmaid's Tale**. Youtube, 05 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v4K32z-gxcw> . Acesso em 27 fev. 2022.

Não fica claro o motivo - ou os motivos - que levaram à alta queda das taxas de natalidade. Algumas hipóteses foram levantadas, como o próprio controle de natalidade através de abortos (nesse caso, sendo algo parcialmente desejado pelas mulheres); doenças e epidemias (é citada a cepa R de sífilis e a AIDS), que teriam afastado os jovens em idade reprodutiva de uma “combinação de recursos genéticos”. A alta frequência de bebês natimortos é relacionada pelos estudiosos com acidentes em usinas nucleares; vazamentos de estoque de armas químicas e biológicas; vazamentos de lixo tóxico; o uso exagerado de inseticidas, herbicidas, etc (ATWOOD, 2017, p. 357-358). Esses são alguns dos apontamentos feitos nas atas do simpósio na tentativa de buscar explicações sobre os casos de problemas congênitos e a queda de natalidade. Algumas alternativas procuradas a nível mundial pelos Estados Unidos, já em decadência: inseminação artificial, clínicas de fertilidade, barrigas-de-aluguel (as quais foram posteriormente transformadas nas “Aias” de Gilead) (ATWOOD, 2017, p. 358). A questão da queda de natalidade se mostra como sendo o pano de fundo mais importante a se compreender o que motivou o surgimento de Gilead e em torno do que funcionava esse regime.

Ainda no período pré-Gilead, surgiu nos Estados Unidos da América um grupo, os “Filhos de Jacob”, entidade tratada como uma espécie de laboratório de ideias (ATWOOD, 2017, p. 359), um grupo de influência que foi se infiltrando aos poucos nas várias camadas sociais e propondo ideias e mudanças que tiravam a liberdade da população de maneira sorrateira. Algumas dessas ideias foram se tornando populares e sendo acatadas, como a proibição de que os homens fizessem vasectomia ou a exigência de que a mulher precisaria de uma autorização do marido para usar anticoncepcionais. Os Filhos de Jacob também tinham apoio em outras frentes, como a feminina. Apregoava-se que o lugar da mulher deveria ser tendo filhos e cuidando das tarefas domésticas, propondo também a ideia de fertilidade como um recurso nacional.

Ainda no simpósio, trata-se sobre um “Grande Expurgo” no “Período Médio” de Gilead (ATWOOD, 2017, p. 360), que teria destruído a maior parte dos registros sobre as reuniões e sobre o funcionamento dos Filhos de Jacob, e os historiadores, no epílogo, tentam montar um quadro com o que eles conseguem de informações, apesar de haverem muitas lacunas a serem preenchidas. Um dos Comandantes bastante citados no epílogo é o “Comandante Judd”, tendo servido como um guia de operações, fornecendo uma base de estratégias para desestabilização de governos estrangeiros

e um dos prováveis orquestradores do que ficou conhecido como o “Massacre do dia do presidente”, o estopim para o surgimento de Gilead, com o assassinato do presidente e o metralhamento do Congresso (ATWOOD, 2017, p. 361). A estratégia foi “culpar os islâmicos”, colocar os militares “temporariamente” para assumirem o poder nesse momento de caos, através da “Lei Marcial”, para que a população tivesse a sensação de segurança e de estarem protegidos até que fossem feitas novas eleições. Todo esse caos indica o nível de infiltração dos Filhos de Jacob, que sendo responsáveis pela desestabilização, ofereceram-se como a solução para governar o país. (CASTRO, 2019)

No poder, esse novo regime logo começou a retirar direitos dos civis, fazendo blitz com seguranças armados nas ruas exigindo identificação nas entradas e saídas de locais públicos, e logo depois atingindo diretamente os direitos das mulheres, como bloqueando suas contas bancárias, alterando direitos de propriedade, trabalho, etc. De início, esse patrulhamento não causou estranheza à população, visto que esta pensava estar sendo protegida, em uma situação de incertezas e inseguranças no caos que vivia.

Cabe destacar que não somente as mulheres perderam direitos na construção de Gilead, como também outros grupos e etnias, incluindo a deportação em massa de judeus em navios (ATWOOD, 2017, p. 361). As populações LGBTQIA+ foram consideradas “traidoras de gênero” e foram executados ou mandados para trabalho escravo nas colônias a limpar lixo nuclear (onde a radiação era mortífera). No caso de mulheres férteis, foram transformadas em Aias.

É importante ressaltar que a religião de Gilead não é exatamente o “cristianismo” em nenhuma forma como se conhece, mas uma forma de religião estatal (teocracia) que segue alguns dogmas do cristianismo, porém tendo fundamentos muito específicos a partir de textos isolados do chamado “Velho Testamento” da Bíblia cristã. Devido a isso, houve uma grande perseguição religiosa tanto para quem não fosse cristão como para com outros ramos do cristianismo que não fossem da modalidade oficial de Gilead: padres católicos foram executados, quakers, freiras transformadas em Aias, etc.

Para explicar como surgiram as Aias, segundo Castro (2019), é preciso entender que todos os casamentos e relações extraconjugais da época anterior a Gilead foram considerados inválidos e antirreligiosos, sendo classificados como adultério. Com isso, todas as parceiras do sexo feminino foram capturadas e presas,

tendo como fundamento o de que elas seriam inaptas e que qualquer filho nascido de uma pessoa nessas condições seria confiscado e dado para adoção nas casas de Comandantes inférteis (ATWOOD, 2017, p. 356). As mulheres, uma vez capturadas, eram conduzidas ao “Centro Vermelho”, onde seriam treinadas e fiscalizadas pelas “Tias” (mulheres inférteis ou mais velhas que acabavam por se voluntariar, seja por acreditarem nos valores defendidos por Gilead, seja para obterem privilégios ou simplesmente evitarem o destino das mulheres inférteis), mulheres que controlavam outras mulheres. (ATWOOD, 2017, p. 362). Uma inspiração a isso seria a de impérios que concediam pequenos poderes a alguns nativos como forma de controlarem melhor os conterrâneos de determinada região, apesar de serem eles também dominados pelo império, porém, gozando de alguns privilégios negados aos seus subservientes; isso gera uma aceitação maior pela população toda e reforça o domínio do império sobre todos. (CASTRO, 2019)

3.2 Estruturas de poder, silenciamento e patrulha ideológica em Gilead

O texto literário, além de nos fazer refletir ou entreter, tem como uma de suas principais funções representar a realidade, como aponta Proença Filho (1997, p. 07) ao dizer que “O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético”. Partindo desse pressuposto da representação da realidade e da condição humana na literatura, se faz necessário destacar algumas das estruturas de poder e patrulhamento ideológico representadas em *O conto da Aia*, uma vez que o texto literário “[...] repercute em nós na medida em que revele emoções profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais.” (PROENÇA FILHO, 1997, p. 07)

Ao discorrer sobre estruturas de poder e patrulhamento, cabe destacar que uma das formas mais eficazes pelas quais o controle social é efetivado pelos detentores do poder é o silenciamento. Longe de estar despido de significado, o silêncio legitima a estrutura constituída, sendo instituído intencionalmente e ideologicamente pela classe dominante e guardada pela classe dominada, que, sem os devidos meios de causar mudanças sociais e políticas, acomodam-se e mantêm a situação de desigualdade e assimetria em suas relações. Medeiros (2016, p. 16),

analisando um romance escrito por Dionísio Jacob, avalia de que modo o silêncio atua nas relações de classe:

Por essa lógica, percebem-se as diferenças sociais entre as classes tidas como minorias culturais por terem, na hierarquia social, posição inferior, e as majoritárias, que detêm o poder hegemônico. Aquela fala, mas sua voz é como um silêncio evocador de suspense, e esta cala para agir intencionalmente na eficácia do silêncio, visto como uma voz capaz de provocar efeitos surpreendentes, a ponto de deter e dominar os grupos subordinados. Por isso, observamos as várias conotações exercidas pelo silêncio [...] pela classe dominante para agir sobre os menos favorecidos, cujo objetivo é manter o controle social. (MEDEIROS, 2016, p. 16)

Em *O conto da Aia*, a situação de opressão vivida sobretudo pelas mulheres (não somente pelas Aias, apesar de a obra enfatizar a narrativa das vivências de uma delas, a Offred) inclui o silêncio, a vida sem individualidade, sem voz, sem escrita. Uma expressão em latim, “*Nolite te bastardes carborundorum*” (ATWOOD, 2017, p. 65), significando “não permita que os bastardos te reduzam a cinzas”, rabiscada em um canto do quarto por uma Aia, representa uma voz subjugada, proibida, dessas mulheres. Em outro trecho, no qual a protagonista observa a esposa do seu Comandante, Serena, podando as flores em seu jardim, lê-se: “Há algo de subversivo com relação a esse jardim de Serena, uma sensação de coisas enterradas rebentando em direção ao alto [...], como se para apontar, para dizer: ‘Tudo o que é silenciado clamará para ser ouvido ainda que silenciosamente’ ” (ATWOOD, 2017, p. 183).

O silêncio imposto como uma forma de patrulhamento ideológico fica notório a todo momento na obra, chegando ao ponto de cercear até mesmo os pensamentos, como destaca a protagonista em um trecho no qual descreve elementos do quarto da casa em que se encontra, reservado para ela e cheio de restrições que impediam algum tipo de fuga: “Tento não pensar demais. Como outras coisas agora, os pensamentos devem ser racionados. Há muita coisa em que não é produtivo pensar. Pensar pode prejudicar suas chances, e eu pretendo durar. ” (ATWOOD, 2017, p. 16).

As Aias não eram chamadas pelos seus nomes originais, o que se constituía como outra forma de controle. No sistema opressor de Gilead, a elas foram dados nomes provisórios que faziam referência ao posto onde atuavam – eram designadas a partir do nome do Comandante da casa onde estavam, inserindo-se nele o prefixo “of” (que na língua inglesa, na qual a obra foi originalmente redigida, é equivalente à preposição “de” em português). A protagonista, por exemplo, chamava-se “Offred” por

estar servindo na casa do Comandante Fred, e era proibida – assim como todas as outras Aias – de usar seu nome original: “Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido” (ATWOOD, 2017, p. 103).

Em um trecho no qual os membros da casa se reúnem para presenciar o discurso anterior à “Cerimônia”, na qual ocorria o ato sexual forçado do Comandante com a Aia mensalmente nos dias férteis dela, Offred descreve a supremacia do poder do Comandante na casa em contraste a todos os membros, tidos como objetos com funções a desempenhar nessa estrutura sistemática: “*Pertences da casa*: isso é o que somos. O Comandante é o chefe, o dono da casa. A casa é o que ele possui. Para possuir e manter sob controle até que a morte nos separe. ” (ATWOOD, 2017, p. 99). Aqui, pode-se estabelecer um paralelo com o conceito de *pater familias* existente na sociedade romana, através do qual o homem, chefe da casa, detinha inclusive o poder de vida ou morte sobre todos os componentes da família, além do poder sobre todas as posses.

As Aias podiam sair para fazer compras a pé, porém este percurso era patrulhado e altamente controlado de diversas maneiras. Dentre as quais, pode-se destacar: 1) as Aias usavam toucas que limitavam seu ângulo de visão e de serem vistas pelos que estivessem no caminho: “As toucas brancas também seguem o modelo padronizado; são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas” (ATWOOD, 2017, p. 16); 2) elas só podiam andar pela rua em pares, para que uma vigiasse os atos da outra e a denunciasse, quando necessário: “Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Supostamente isso é para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. ” (ATWOOD, 2017, p. 29); 3) as Aias passavam por barreiras de controle a todo momento, sendo inspecionadas por espécie de policiais, denominados na obra de “Guardiões”:

Chegamos à primeira barreira de controle [...] Acima de nós, eu sei, existem holofotes, presos aos postes telefônicos, para serem usados em emergências e há homens com metralhadoras nos abrigos de cimento armado no alto de pilares dos dois lados da estrada. [...] Atrás da barreira, esperando por nós na passagem estreita do portão, estão dois homens, com os uniformes verdes dos Guardiões da Fé [...] (ATWOOD, 2017, p. 30)

Diante dos Guardiões, as Aias eram checadas a fim de serem identificadas: “Apresentamos os passes, tirados de nossos bolsos com zíper nas mangas largas, e eles são inspecionados e carimbados” (ATWOOD, 2017, p. 32). Outro detalhe interessante é descrito por Offred em outro trecho, quando está tomando banho, no qual nota-se que as Aias possuíam uma insígnia, um distintivo de identificação carimbado em sua própria pele: “Não posso evitar ver agora a pequena tatuagem em meu tornozelo. Quatro números e um olho, um passaporte ao contrário. Supõe-se que isso garanta que eu nunca possa vir a desaparecer [...]” (ATWOOD, 2017, p. 80). Uma alusão muito provável que possa ter influenciado na construção dessa narrativa pela autora da obra tem uma verossimilhança com o que houve no regime da Alemanha Nazista, no contexto da Segunda Guerra Mundial e que culminou no Holocausto (1941–1945), o terrível genocídio em massa que resultou em cerca de 6 milhões de judeus, afora tantas outras vítimas que ampliam consideravelmente este número. Como se sabe, estes foram tatuados pelos nazistas com números de identificação na pele, marca ainda presente nos braços dos sobreviventes do Holocausto ainda vivos nos dias atuais.

4) eram proibidas de ler. Os estabelecimentos onde iam fazer as compras, inclusive, eram identificados por figuras correspondentes ao produto, mas não havia letreiros:

Pode-se ver o lugar, debaixo do lírio, onde o nome inscrito foi apagado, repintado e coberto por uma tarja de tinta, quando decidiram que mesmo os nomes de lojas eram tentação demais para nós. Agora os lugares são conhecidos apenas pelas figuras desenhadas nas insígnias em madeira. (ATWOOD, 2017, p. 36)

Ainda sobre a proibição de leitura pelas mulheres – não somente pelas Aias – na sociedade de Gilead, há uma referência relevante, novamente no contexto da Cerimônia, na qual o Comandante tem a tarefa de ler para todos da casa alguns trechos da Bíblia como parte do seu discurso. Afora este momento, a Bíblia era mantida trancada e inacessível e sua leitura proibida às demais pessoas da casa, que somente podiam ouvi-la ser lida pelo Comandante:

A Bíblia é mantida trancada, da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem. É um instrumento incendiário: quem sabe o que faríamos com ela, se

puséssemos nossas mãos nela? Podemos ouvi-la lida em voz alta, por ele, mas não podemos ler. (ATWOOD, 2017, p. 107)

Neste trecho pode ser estabelecida uma alusão ao que acontecia na chamada “Idade das Trevas”, uma vez que naquele período da história medieval, a sociedade europeia, que era dominada política, econômica, religiosa e culturalmente pela Igreja Católica, não dispunha de educação massiva e contato com exemplares da Bíblia cristã de forma acessível, o que só se restringia a membros do clero confinados em mosteiros. Realidade esta que só se transformou a partir do avanço do Renascimento, do surgimento da Imprensa e da Reforma Protestante, fatores que acessibilizaram o uso da Bíblia pelas massas cristãs.

A propósito, na obra, (ATWOOD, 2017, p. 109) aparecem transcritas algumas referências bíblicas lidas antes do rito da Cerimônia, incluindo os textos de Gênesis 1,22.28 e 9,1.7 e Mateus 5,3-5.7. Contudo, o texto mais proeminente e que inspira o modelo de procriação através das Aias na teocracia de Gilead é o de Gênesis 30, 1.3, o qual narra sobre Jacó e uma de suas esposas, Raquel, que por não conseguir gerar filhos, entrega sua serva Bila para que tenha filhos considerados seus, através dela:

Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacó, teve Raquel inveja de sua irmã e disse a Jacó: Dá-me filhos, senão morro. [...] E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; entra a ela, para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela. (BÍBLIA, Gênesis 30,1.3)

Um comentário sobre Gênesis 16,2 da Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB) aponta as origens desse antigo costume adotado nos casos de esterilidade da mulher em sociedades antigas do médio oriente, sobretudo entre mesopotâmicos e neoassírios, e que aparece também na literatura bíblica como parte deste contexto:

No direito mesopotâmico, e particularmente neoassírio, uma esposa estéril podia dar uma serva a seu marido e depois adotar o filho dela. Esta possibilidade jurídica presumia proteger a mulher estéril, mas também podia ser fonte de conflito entre patroa e serva ⁴

Assim, esta é a premissa básica para a existência da casta das Aias, já que o regime precisava de uma justificativa religiosa para que esta pudesse existir. Gilead,

⁴ BÍBLIA. Português. **Tradução Ecumênica: Antigo e Novo Testamento**. Ed. integral. São Paulo: Loyola, 1994. p.46.

então, usa isso como justificativa para que as Aias funcionem para o Estado como escravas sexuais e barrigas-de-aluguel, sendo estupradas mensalmente pelos Comandantes e obrigadas a gerar filhos para as esposas deles, entregando-os à força.

É importante perceber na obra as relações entre os objetos da “reprodução da força de trabalho”, conforme os conceitos expostos anteriormente e fundamentados nas discussões de Althusser (1996, p. 108-109) sobre o assunto, uma vez que “Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, [...] devem, de um modo ou de outro, estar ‘impregnados’ dessa ideologia, a fim de cumprir ‘conscientemente’ suas tarefas [...]” (ALTHUSSER, 1996, p. 108). Na obra, pode-se identificar como objetos na sociedade de Gilead: 1) as Aias (entre outras castas inferiores) como agentes de produção – exercendo a função de submissão; 2) As Tias (entre outras castas responsáveis pela aplicação das leis) como agentes da repressão – exercendo a função de qualificação e 3) os Comandantes como agentes da exploração – exercendo a função de assegurar a dominação.

Alimentando esse sistema através dos Aparelhos Ideológicos, cada casta cumpre suas funções, impostas pela ideologia dominante de Gilead, e o poder se perpetua na mão das castas dominantes, fazendo com que as castas dominadas se acostumem a cumprir seus papéis como devem. Na obra, Offred faz referência às palavras de uma das Tias às Aias, no Centro Vermelho: “O costumeiro, dizia Tia Lydia, é aquilo a que vocês estão habituadas. Isso pode não parecer costumeiro para vocês agora, mas depois de algum tempo será. Irá se tornar costumeiro” (ATWOOD, 2017, p. 46). Uma alusão a essa fala, inclusive, pode ser estabelecida com um texto do Novo Testamento: “Respondeu Jesus e disse-lhe: O que eu faço, não o sabes tu, agora, mas tu o saberás depois” (BÍBLIA, João 13,7).

Percebe-se que essa atitude de conformidade, de acostumar-se a desempenhar as tarefas exigidas, seguida do sentimento de impotência causado pela repressão imposta, é sentida pela protagonista, ao expressar que “Depois do primeiro choque, depois que você havia aprendido a aceitar, era melhor estar letárgica. Você podia dizer a si mesma que estava poupando suas forças” (ATWOOD, 2017, p. 87).

Na formação do regime de Gilead, as mulheres férteis capturadas para servirem como Aias eram confinadas no Centro Vermelho e submetidas a um patrulhamento que envolvia agressões físicas e psicológicas a fim de capacitar as Aias para o serviço que estariam a desempenhar. Offred descreve os meios pelos quais

ocorria esse patrulhamento: “As luzes eram diminuídas, mas não apagadas. Tia Sara e Tia Elizabeth patrulhavam; tinham agulhões elétricos de tocar gado suspensos por tiras de seus cintos de couro” (ATWOOD, 2017, p. 12). Em outro trecho bastante relevante, ela descreve o resultado de uma agressão sofrida por uma de suas colegas Aias, e que era sua amiga confidente do período anterior a Gilead, Moira:

Elas a levaram [...]. Depois ela ficou sem poder andar durante uma semana, seus pés não entravam nos sapatos, estavam inchados demais. Eram nos pés que batiam, em caso de primeira ofensa. Usavam cabos de fios de aço, com as pontas destorcidas. Depois disso eram as mãos. [...] Para nossos objetivos seus pés e suas mãos não são essenciais. (ATWOOD, 2017, p. 112)

Conforme lembra Chauí, por intermédio da ideologia (1985, p. 21) “[...] os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas”. Dessa forma, conforme foi possível inferir ao longo da pesquisa, apesar de ser um regime teocrático e utilizar de uma narrativa de aparentes boas intenções, Gilead violava os direitos básicos dos indivíduos, sobretudo das castas mais inferiores, submetendo-os inclusive aos maus-tratos físicos, ainda que sustentando uma ideologia que prometia consertar os males da antiga e suplantada República dos Estados Unidos da América.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que resultou no presente trabalho surgiu da necessidade de se atentar para as práticas de patrulhamento social através da ideologia. A partir disso, pôde-se discutir as temáticas que envolvem o papel da ideologia, os instrumentos de poder, a opressão, o silenciamento, os aparelhos ideológicos e demais temas adjacentes, tão relevantes nos dias atuais, dada a instabilidade e tensão que paira sobre o mundo contemporâneo, à medida que confronta a liberdade individual em detrimento do controle social e, portanto, do poder.

Ao pensar nessas temáticas, objetivou-se analisar as narrativas de patrulhamento ideológico aludido em *O conto da Aia (The Handmaid's Tale)*, de Margaret Atwood. A proposta foi atingida à medida que foram abordadas discussões de diversos teóricos principalmente no que se refere à ideologia como ocultamento da realidade social, e sobre aparelhos ideológicos e instrumentos de poder, na primeira parte, e através da análise da obra em seu devido contexto, além de se ter identificado algumas das estruturas de poder, das práticas de silenciamento e patrulha que estão imbrincadas nela, sobretudo no que se refere ao patrulhamento ideológico, o que se concretizou na segunda parte do trabalho, através das diversas citações referenciadas e devidamente comentadas a fim de elucidar as ideias propostas.

A relevância do presente trabalho se consolida por permitir ao leitor uma assimilação dos conceitos teóricos através da obra literária, uma vez que esta representa a realidade. A partir das discussões e reflexões realizadas, portanto, pode-se afirmar que as estruturas de poder, o silenciamento e a patrulha ideológica estabelecidos na sociedade de Gilead, em *O conto da Aia*, legitimam as condições de repressão, como se servissem a um ideal justo e sublime, quando, na realidade, consiste em um instrumento para perpetuação do poder das castas dominantes naquela sociedade através da ideologia.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lúcio Flávio Rodrigues de. Ideologia, Ideologias, Lutas de Classes: Althusser e os Aparelhos Ideológicos (de Estado). *In*: PINHEIRO, Jair (org.). **Ler Althusser**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 71-95. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ler-althusser_ebook.pdf . Acesso em: 28 jan. 2022.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). *In*: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.
- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O pensamento de direito, hoje**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia sagrada: Velho e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- BÍBLIA. Português. **Tradução Ecumênica: Antigo e Novo Testamento**. Ed. integral. São Paulo: Loyola, 1994. p. 46.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Antoine Destutt de Tracy: o “pai” do termo ideologia (artigo). *In*: **Café História** – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-pai-do-termo-ideologia/> . Publicado em: 5 mar. 2018. Acesso: 26 jan. 2022.
- CASTRO, Míriam. **Como surgiu Gilead, a sociedade de The Handmaid's Tale**. Youtube, 05 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v4K32z-gxcw> . Acesso em 27 fev. 2022.
- CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- KOTHE, Flávio René. **Para ler Benjamin**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LYRA, Pedro. **Literatura e Ideologia**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MEDEIROS, Elizete Amaral de. **Os dizeres do silêncio**: apontamentos culturais sobre literatura e política. Campina Grande: EDUEPB, 2016.
- POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- SILVA, Ana Paula Rodrigues da. **O que é distopia?** Youtube, 01 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qt2ImXOYG6o> . Acesso em 27 fev. 2022.